



EDUCAÇÃO

Aprendizado piora em todos os níveis

Fechamento de escolas durante o período da pandemia se reflete em resultados ruins nos indicadores que avaliam o ensino básico. Especialistas alertam, porém, que os dados podem esconder situação ainda mais grave em disciplinas elementares

» RAFAELA GONÇALVES

Com escolas fechadas e a implantação do ensino remoto em meio à pandemia, o Brasil registrou piora no aprendizado de estudantes em todos os níveis escolares. Os resultados são do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2021 e do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Esses são os primeiros indicadores desde o início da crise sanitária. Mesmo diante da necessidade de um diagnóstico das perdas de aprendizagem, o ministro da Educação, Victor Godoy, afirmou que os dados devem ser interpretados com cautela, pois podem apresentar uma visão distorcida sobre a realidade da educação no país. “Tivemos perdas decorrentes do longo período de escolas fechadas e dificuldades históricas enfrentadas no sistema de ensino em razão da pandemia”, disse.

A etapa que sofreu o maior impacto, de acordo com o Saeb, foi a da alfabetização. A pontuação obtida pelos alunos do 2º ano do ensino fundamental em língua portuguesa caiu de 750 pontos, em 2019, em média, para 725,5. As pontuações são distribuídas em 8 níveis, de acordo com os conteúdos aprendidos. A queda de 24,5 pontos entre um ano e outro significa que a média brasileira caiu em um nível. A proporção dos estudantes do 2º ano nos três primeiros níveis, ou seja, que não conseguem sequer ler palavras isoladas, passou de 15,5% em 2019 para 33,8%, em 2021. Na outra ponta, a parcela daqueles no nível 8, o mais alto, caiu de 5% para 3%.

Em matemática, a porcentagem dos estudantes nos três primeiros níveis passou de 15,9% em 2019 para 22,4% em 2021. Esses alunos não são capazes de resolver problemas de adição ou subtração. A média nacional recuou de 750 pontos para 741 pontos. Nessa etapa, as provas são aplicadas de forma amostral, a apenas um grupo de estudantes de escolas públicas e particulares.

Segundo a coordenadora-geral do Saeb, Clara Machado, os dados permitem entender o que

aconteceu no período de pandemia para planejar a melhor intervenção na alfabetização, que é o principal ponto de atenção. “Não foge do esperado. A gente sabe que, para a faixa etária nessa especificidade da alfabetização, a mediação presencial é especialmente importante”, afirmou.

O Saeb é uma prova bial, de português e matemática, que deve ser realizada por todos os alunos do 5º e do 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio no Brasil. Por causa da pandemia, o índice de comparecimento foi de 71,25%, segundo o Inep. A participação maior foi dos estudantes do 5º ano, com 76,9%. A porcentagem geral é considerada muito baixa por alguns estatísticos. O último exame, em 2019, contou com 80,99% dos alunos do país.

Segundo Lucas Hoogerbrugge, líder de Relações Governamentais de Todos Pela Educação, o levantamento mostra uma queda de proficiência do ponto de vista de aprendizagem em todo o país, mas ao mesmo tempo chama atenção por uma baixa taxa de participação, o que indica que a defasagem de aprendizagem pode ser ainda maior. “Existe uma teoria de que os estudantes que deixaram de realizar a prova são justamente aqueles em maior situação de vulnerabilidade e mais prejudicados. Isso pode significar que a situação pode ser, inclusive, um pouco pior, por isso é preciso muita cautela para que esses dados não levem a conclusões equivocadas”, avaliou.

Distorções

A orientação do Conselho Nacional de Educação (CNE) de não reprovar alunos durante o fechamento de escolas na pandemia causou uma distorção no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), principal termômetro da qualidade da educação brasileira. Apesar de uma queda generalizada de aprendizado, o indicador de 2021 cresceu nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

O Ideb 2021 do país no ensino médio foi de 4,2, ante 3,9 em 2019. Apesar do aumento no índice, o desempenho dos estudantes piorou em matemática, matéria em que a nota passou de 278,5 para 271. Já em português,

Defasagem escolar

Pandemia distorce indicadores que medem a qualidade do ensino no Brasil

Contexto educacional brasileiro diante da pandemia de covid-19
Dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2021

92%

das escolas de educação básica adotaram estratégias de ensino remoto ou híbrido

8,9%

ajustaram a data do término do ano letivo (Em 2020 foram 43,1%)

72,3%

das escolas recorreram à reorganização curricular para priorizar habilidades e conteúdos (Em 2020 foram 67,1%)

17,2%

das escolas adotaram o “continuum curricular”, complementação curricular no ano seguinte (Em 2020 foram 26,3%)

RESULTADOS IDEB

Anos iniciais do ensino fundamental:
de **5,9**, em 2019, para **5,8** em 2021;

Anos finais do ensino fundamental:
de **4,9** para **5,1** no mesmo período;

Ensino Médio:
se manteve em **4,2**.

CENSO ESCOLAR

Evasão escolar: Comparando os números preliminares de 2021 e de 2022, o número de jovens matriculados no ensino médio caiu de 6.564.625 para 6.217.486, uma redução de 5,3%. Embora os dados ainda sejam preliminares, há o indício de um aumento na evasão escolar na última etapa de ensino, justamente quando o risco de abandonar os estudos para ingressar precocemente no mercado de trabalho é maior.

Reflexos do novo ensino médio: Mesmo com a redução no número total de matrículas, o número de alunos de ensino médio em tempo integral aumentou 10,5%, esse é um dos pilares da reforma implementada nessa etapa escolar desde o começo de 2022.

Fonte: MEC/Inep.

foi de 279,5 para 275,9. A taxa de aprovação nessa etapa caiu de 10% para 4,6%. O mesmo aconteceu com os anos finais do ensino fundamental, do 5º ao 9º ano, faixa em que o Ideb subiu de 4,7 para 5,1 em 2021.

O índice relaciona as taxas de aprovação escolar com as médias de desempenho em língua portuguesa e matemática dos estudantes no Saeb. Em decorrência do incentivo contra a evasão escolar, a taxa de



equivocada e uma falsa ideia de que não houve perda de qualidade no ensino no período”, disse.

Ele afirmou ainda que os resultados do Saeb oferecem exatidão, possibilitando uma comparação mais confiável. “É importante que as redes municipais se debruçam sobre os resultados de suas escolas, reunindo os profissionais da educação para analisar o impacto da pandemia na aprendizagem dos alunos, a partir de leituras comparativas com as edições anteriores. Dessa forma, será possível subsidiar o planejamento de ações interventivas que venham a suprir a defasagem das aprendizagens das crianças e adolescentes decorrente do período pandêmico.”

DF em destaque

O Distrito Federal foi a segunda unidade da Federação com melhores resultados do Ideb para os anos iniciais do ensino fundamental, com nota 6,4. A capital teve desempenho acima da média nacional, de 5,8 e perdeu apenas para Santa Catarina, que tirou 6,5. Ceará e São Paulo ficaram em 3º lugar, com 6,3.

O aumento de aprovação entre 2019 e 2021 se deu por as escolas seguirem a recomendação do CNE de não reprovar os alunos durante a pandemia. “Não significa que o ensino melhorou. Esses resultados devem ser olhados com muita cautela, em função dos desafios enfrentados durante a pandemia, sobretudo as desigualdades e a dificuldade de acesso ao ensino remoto”, disse a gerente de Pesquisa e Desenvolvimento do Itaú Social, Patrícia Mota Guedes.

Em comparação com os demais estados do país, o DF obteve o menor rendimento nos anos finais do ensino fundamental, ficando em 9º lugar. Já no ensino médio, a capital federal ficou na quinta colocação, com nota 4,5.

O Ideb apontou, ainda, que os índices de proficiência em matemática e português caíram no DF em 2021. De acordo com o Saeb, a rede pública apresentou queda de aprendizagem em cinco das seis tabelas referentes aos ensinos inicial e médio. Segundo a Secretária de Educação do DF, os resultados eram esperados, e a pasta afirmou estar atuando fortemente para que os estudantes recuperem o aprendizado impactado pela pandemia.

AMAZÔNIA

2022 registra o maior desmatamento em 15 anos

» MARIANA ALBUQUERQUE

Em agosto passado, 1.415 quilômetros quadrados da Amazônia Legal foram desmatados — uma redução de 12% em relação a agosto de 2021, quando o desmatamento somou 1.606 quilômetros quadrados. Porém a soma das áreas desmatadas nos oito primeiros meses deste ano ultrapassa a verificada no mesmo intervalo de 2021. De janeiro a agosto, forma derrubados 7.943 quilômetros quadrados de floresta, a terceira pior devastação para o período dos últimos 15 anos.

Os dados, divulgados ontem, são do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).

“Já passamos da metade do ano e o que vem acontecendo são recorrentes recordes negativos de devastação da Amazônia, com o aumento no desmatamento e na degradação florestal. E, infelizmente, temos visto ações insuficientes para combater esse problema”, explica Bianca Santos, do Imazon. Somente a área de vegetação derrubada em agosto tem quatro vezes o tamanho da cidade de Belo Horizonte.

Já o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou que o desmatamento acumulado na Amazônia até agosto de 2022 atingiu 7.135km², cerca de 800km² a menos do que o registrado pelo Imazon. A diferença

Carlos Fabal/AFP



Quase 8 mil km² de florestas foram derrubados de janeiro a agosto

ocorre porque o Imazon usa um sistema que detecta áreas menores na Amazônia Legal, levando em conta áreas desmatadas a partir de 1 hectare. O satélite do Sistema Deter, de responsabilidade do Inpe, tem como base no mínimo 3 hectares. A mediação oficial de desmatamento é feita pelo Prodes, pesquisa também do Inpe, e costuma superar os valores estimados pelo Deter e pelo Imazon.

O Pará foi o estado com o segundo maior nível de degradação do bioma, e o primeiro no desmatamento. Quanto às áreas degradadas da região, o estado que teve a maior área de floresta perdida em agosto foi Mato Grosso (657km²), com 67% do total registrado em toda a Amazônia.

A diferença entre desmatamento e degradação se explica pela forma com que o instituto

classifica os fatores. O desmatamento ocorre quando a vegetação é totalmente removida, o chamado “corte raso”. A degradação florestal é caracterizada quando parte da mata é retirada por causa da extração de madeira ou afetada pelo fogo. Por isso, o Imazon explica que é comum que uma área classificada como degradada seja posteriormente desmatada.

“Em muitos casos de áreas que sofrem degradação florestal por exploração madeireira, após a retirada total das espécies de valor comercial, é feita a remoção completa das árvores para destinar aquela área a outros tipos de uso, como a agropecuária, ou até para a especulação imobiliária, no caso da grilagem”, afirmou a pesquisadora Bianca Santos.

*Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo